

A CENOGRAFIA DE CONFISSÃO NA PÁGINA *SEGREDOS UFLA*: UMA ANÁLISE DO DISCURSO EM CONTEXTO DE ANONIMATO

Márcio Rogério de Oliveira CANO¹
Universidade Federal de Lavras (UFLA)
marciocano@ufla.br

Luana Nayara PENA²
Universidade Federal de Lavras (UFLA)
luananayarap@hotmail.com

RESUMO: Neste trabalho, a partir dos estudos desenvolvidos no Grupo de Pesquisa de Leitura e Produção de Discurso (GPLPD), propomos a análise dos discursos produzidos em uma página do *Facebook* conhecida como *Segredos UFLA*. Tal página permite o envio e a publicação de mensagens anônimas, encabeçadas por “Confesso que”. Trabalha-se com a hipótese de que os discursos da *fan page* se constituam a partir da cenografia de confissão, refletindo o processo de genealogia do discurso. A confissão é um espaço validado para dizer de si, e sua imposição pela Igreja Católica acarretou, ao longo dos anos, em uma sociedade confessional, que carrega traços da confissão em diversos discursos. A metodologia desta pesquisa envolve a constituição de *corpus* a partir de postagens da página *Segredos UFLA*, que foram agrupadas em categorias para sua melhor apreensão. Como referencial para a análise, são utilizados os estudos de Maingueneau (2015) sobre as cenas de enunciação, bem como as considerações de Foucault (1998) sobre os discursos da confissão e os estudos de Orlandi (2015) sobre sujeito discursivo. Além disso, o quadro teórico é constituído por estudos sobre os impactos da tecnologia na discursividade do mundo, tal como Pacheco (2014), Dias (2016) e Maingueneau (2015). As conclusões apontam que a própria cenografia faz emergir o sujeito anônimo ao mesmo tempo em que o valida por meio da cena de enunciação. A cenografia de confissão determina os papéis que os enunciadores devem assumir nesse quadro, bem como os próprios assuntos que serão tratados nessas postagens.

PALAVRAS-CHAVE: Anonimato. Discurso da confissão. Análise do Discurso.

THE CONFESSION SCENOGRAPHY IN *SEGREDOS UFLA FAN PAGE*: NA ANALYSIS OF DISCOURSE IN ANONYMITY CONTEXT

ABSTRACT: The present study analyzes the discourses of the Facebook fan page *Segredos UFLA* which receives private messages and publishes them anonymously. The messages are introduced by “I confess that”. It is presumed that this discourses uses the scenography of confession. The confession validates the production of discourses about oneself and its imposition by the Catholic Church over the years result in a confessional

¹ Doutor em Língua Portuguesa pela PUC-SP. Professor da Universidade Federal de Lavras (UFLA). Atua no Programa de Pós-Graduação em Letras da UFLA (PPGLetras).

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGLetras) da Universidade Federal de Lavras (UFLA).

society in nowadays. The methodology involves the constitution of the corpus as of posts of the *Segredos UFLA* fan page. The study is based on discourses analyzes, especially in Maingueneau (2015) studies about the scene of enunciation, the postulates of Foucault (1998) about the confession and the studies of Orlandi (2015) about the discursive subject. It is also used the studies of Pacheco (2014), Dias (2016) and Maingueneau (2015) about the consequences of social medias to the discursiveness of the world. Therefore, the confession scenography validates this subject by its own enunciation. The confession scenography determines the role that the subject should take on this scene, just as the topic that is approached in these posts.

KEYWORDS: Anonymous. Discourses of confession. Discourse analysis.

RECEBIDO EM: 10 de junho de 2020

ACEITO EM: 16 de setembro de 2020

PUBLICADO EM: dezembro de 2020

1 INTRODUÇÃO

Com o advento das novas tecnologias de comunicação e da *Internet*, especialmente das mídias sociais, novos espaços discursivos apareceram. Esses espaços contribuem para a emergência e a constância de um tipo de sujeito que se esconde, ou seja, que não é determinado pela interação face a face e que, por conta da possibilidade da tecnologia oferecida, pode se ocultar e se constituir como um sujeito anônimo. A partir desta problemática, procuramos constituir um *corpus* partindo de materiais em que a estratégia de constituição do sujeito pode ser anônima. Nessa dimensão, em muitas plataformas, como as redes sociais, postagens podem ser produzidas de forma anônima.

Diante do vasto material, selecionamos a página de *Facebook Segredos UFLA*, tendo em vista a relevância que possui na comunidade acadêmica na qual nos inserimos, bem como por ser emblemática daquilo a que nos propomos. Essa página permite o envio e a publicação de mensagens anônimas e se articula ao formato de *Spotted*³, uma espécie de cupido *on-line*, na qual os usuários enviam mensagens *in box* que serão postadas na página

³ Em português traduz-se como flagrado, marcado.

sem vincular o perfil do usuário que enviou a mensagem, ou seja, de forma anônima. O principal objetivo das páginas de *spotted* é encontrar interesses amorosos. A página *Segredos UFLA* oferece esse mesmo recurso aos usuários, porém, acaba exercendo uma variedade de funções, como dar avisos, anúncios, convites, reclamar e denunciar, desabafar sentimentos, enfim.

O espaço proporcionado pelo anonimato fez emergir diversas outras possibilidades de discursos para além do interesse amoroso, motivando interações nas postagens anônimas com usuários logados em seus próprios perfis. Desse modo, a pesquisa justifica-se na medida em que procura compreender quais sentidos são produzidos a partir de um sujeito do anonimato, especialmente pensando nas redes sociais. Vista a ampla disseminação dos discursos em meio *on-line*, o trabalho torna-se relevante para repensar em categorias essenciais para a Análise do Discurso, como sujeito discursivo, nesse meio. Assim, temos como objetivo verificar as implicações que os contextos de anonimato acarretam à produção dos sentidos, especialmente nos aspectos da cenografia e do sujeito discursivo. Além disso, pretende-se compreender a constituição dessa cenografia, relacionando-a à genealogia discursiva de confissão, para melhor apreender qual sujeito discursivo emerge dessa cena.

O trabalho se divide em uma parte teórica, na qual há revisão bibliográfica dos conceitos de sujeito discursivo baseado nos estudos de Orlandi (2015), e da cena de enunciação, a partir de Maingueneau (2015) e Cano (2012). Em seguida, apresentam-se considerações sobre as condições de produção dos discursos no *Facebook*, a partir de Dias (2016) e Pacheco (2014). Além disso, abordam-se também as implicações da confissão enquanto forma de genealogia discursiva a partir de Foucault (1998). A terceira parte compreende as análises das publicações selecionadas, com as considerações da cenografia de confissão, e como consequência, a mudança da posição do sujeito discursivo. A

pesquisa insere-se no âmbito do Grupo de Pesquisa de Produção e Leitura de Discursos (GPLPD-UFLA), no qual são desenvolvidas pesquisas a partir do referencial teórico da Análise do Discurso.

2 O SUJEITO DISCURSIVO NA ANÁLISE DO DISCURSO

Neste tópico, abordamos o conceito de sujeito para nossa teoria. Quando falamos de sujeito em Análise do Discurso, não tratamos de indivíduo, nem de personalidades. O que cabe aos analistas é compreender a produção dos sentidos, o que não se dá *a priori*. Assim, temos uma importante articulação: entender como as personalidades do mundo tornam-se vozes no discurso, quais instâncias são necessárias para se constituir no “eu” que produz o discurso. Considerando que os sentidos não são produzidos a depender das intenções do falante, pois são constituídos de uma significância e de uma materialidade própria marcada pela língua, pela história e pela ideologia, a AD sistematiza uma noção de sujeito que dê conta de responder a essas problemáticas.

O sujeito é uma instância discursiva que enuncia a partir de determinadas condições. Esse sujeito é descentrado de si, “pois é afetado pelo real da língua e também pelo real da história, não tendo controle sobre o modo como elas o afetam.” (ORLANDI, 2015, p. 18). Dessa forma, o sujeito é marcado pelo inconsciente e pela ideologia.

A ideologia aparece como a condição necessária para a constituição dos sujeitos, visto que “o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia para que se produza o dizer” (ORLANDI, 2015, p. 44). Assim, a ideologia dissimula sua existência dentro do funcionamento discursivo, e só podemos percebê-la através de evidências “subjetivas”, nas quais os sujeitos se constituem, que funcionam através de dois esquecimentos sistematizados por Pêcheux (1997).

A partir disso, Orlandi (2015) elucida que o esquecimento nº 2 diz respeito à ordem da enunciação, o que nos faz crer que tudo que dizemos só poderia ser dito daquela forma, trata-se de uma ilusão referencial. Já o esquecimento nº 1 é da ordem do ideológico, que faz com que o sujeito acredite que é a origem do seu dizer. Conforme Fuchs e Pêcheux (1997, p. 177),

Em outros termos, colocamos que a relação entre os esquecimentos nº 1 e nº 2 remete à relação entre a condição de existência (não-subjetiva) da ilusão subjetiva e as formas subjetivas de sua realização.

Os esquecimentos do sujeito discursivo não são falhas, e sim uma necessidade para o funcionamento da linguagem e dos sujeitos. A constituição dos sentidos depende desses esquecimentos, na medida em que é preciso que os sujeitos esqueçam o que já foi dito para que possam se identificar com seus dizeres, ou seja, para que possam se ver como “donos” de seu próprio dizer. Dessa forma, observamos que ambos os esquecimentos estão relacionados à ilusão da transparência da linguagem (ORLANDI, 2015).

Sujeito e sentido estão imbricados nessa relação de forças da ideologia, do histórico e da língua. Desse modo, podemos pensar que sujeito é aquele que produz sentido e para fazê-lo, deve se submeter à língua e à história, ou seja, precisa sofrer os efeitos do simbólico, para que seus enunciados tenham sentido. Portanto, não há sujeito sem sentido e nem sentido sem sujeito.

Quando se pensa em sujeito, é preciso pensar em instância discursiva, naquele que produz discursos, e nunca em indivíduo. Os sujeitos são marcados por sua posição no mundo, de onde falam. Deste modo, o sujeito é dado dentro do próprio funcionamento discursivo, tornando-se sujeito ao ser interpelado pela ideologia. Não se exclui dessa perspectiva que o sujeito faz parte de um “corpo histórico-social, no qual interage com outros discursos de que se apossa ou diante dos quais se posiciona (ou é posicionado) para

constituir sua fala.” (BRANDÃO, 1999, p. 65). O sujeito assume posições no mundo, de onde partem seus discursos. Por sua vez, o discurso precisa ser entendido como aquilo que permite a identificação dos indivíduos em sujeitos, tornando o dizer enunciável.

2. 1 As cenas de enunciação: cenografia

Com a finalidade de compreender melhor como acontece a enunciação dos discursos da página *Segredos UFLA*, serão mobilizados os estudos sobre as cenas de enunciação, que possibilitam o entendimento de quais cenas são utilizadas nesses discursos e suas implicações para a construção dos sentidos.

O conceito de cenas de enunciação é uma categoria de análise do discurso desenvolvida por Maingueneau (2008). Trata-se da situação da enunciação e quais cenas estão em jogo nesse momento. O autor separa a cena de enunciação em três: a cena englobante, a cena genérica e a cenografia. A cena englobante diz respeito ao tipo de discurso no qual se localiza determinado enunciado para interpretá-lo. São os tipos de discursos socialmente legitimados, como o discurso político ou o literário, que servem como um ponto de referência para a recepção dos discursos. A cena genérica está associada a um gênero do discurso, sendo que gênero aqui é entendido enquanto construto relativamente estável (MAINGUENEAU, 2015). Segundo Cano (2012), “o gênero constrói para si uma cena genérica que impõe papéis já legitimados socialmente entre o enunciador e o coenunciador.” (p. 64). Dessa maneira, todo gênero possui uma cena genérica própria, que determina os papéis dos parceiros de enunciação.

Já a cenografia é construída e validada pela própria enunciação, pois “qualquer discurso, por seu próprio desenvolvimento, pretende instituir a situação de enunciação que a torna pertinente.” (MAINGUENEAU, 2008, p. 70). Não se trata de uma simples cena que serve de cenário do discurso, mas sim de uma cena que é indissociável de seu próprio

dizer, do conteúdo. Logo, é a cena que o próprio discurso legitima como necessária para que a enunciação aconteça, e é com ela que o coenunciador se relaciona quando lê um enunciado.

O funcionamento da cena de enunciação vai depender do gênero do discurso. Todo gênero tem uma cenografia típica, entretanto, essa cena pode ser deslocada para segundo plano, dando lugar a outra cenografia, que precisa ser validada pela da enunciação. Para que a cenografia possa se manifestar completamente, é preciso haver um distanciamento em relação ao coenunciador, tal como acontece nos gêneros escritos. Maingueneau (2008) cita, como exemplo, o debate, que acontece face a face, no qual é menos provável que diferentes cenografias sejam mobilizadas, já que a interação acontece de forma simultânea.

Além disso, determinados gêneros exigem a escolha de uma cenografia para serem enunciados, tal como a publicidade e a postagem no *Facebook*. Cada vez que alguém produz uma peça publicitária, é necessário que mobilize uma cenografia outra, seja uma conversa entre amigos para indicar um produto, um conto de fadas para vender uma roupa, um encontro no bar para falar da cerveja etc. No caso do *Facebook*, conforme veremos mais à frente, é perceptível a ausência de uma cena específica. Maingueneau (2013) ainda destaca as cenografias difusas, que são aquelas que remetem “a um conjunto vago de cenografias possíveis, e não a um gênero do discurso preciso.” (MAINGUENEAU, 2013, p. 100).

A cenografia traça um círculo: “o discurso implica um enunciador e um coenunciador, um lugar e um momento da enunciação que valida a própria instância que permite sua existência.” (MAINGUENEAU, 2008, p. 51). Portanto, é a cenografia que faz emergir as identidades dos enunciadores, determinando o lugar e o momento da enunciação, quando validada. Essa validação acontece através da aceitação dos parceiros de enunciação do lugar que lhes é instituído pela própria cenografia.

3 CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO DO DISCURSO

3.1 Discursividade no meio *on-line*

As tecnologias da informação trouxeram novos contextos para a atividade verbal, contextos que não se encaixam completamente nos modelos de análise que privilegiam a interação face a face. Maingueneau (2015) alcunha o termo “tecnologia discursiva” para explicitar que as tecnologias não são meros instrumentos ou dispositivos usados para comunicar, mas que eles também são capazes de modificar a materialidade do discurso, “com tudo o que isso implica em termos de relações sociais e de construção da subjetividade.” (MAINGUENEAU, 2015, p. 170).

Para abordar a complexidade desses enunciados, Maingueneau (2015) faz duas grandes distinções: a conversação e a postagem. A conversação está mais ligada ao formato da interação face a face mediado por uma tecnologia, como a troca de mensagens, *e-mails*, *chats*, SMS, entre outros. Já as postagens “não se inscrevem em uma cadeia fechada de interações; podem demorar certo tempo para encontrar seus destinatários.” (MAINGUENEAU, 2015, p. 171). Nesse sentido, observa-se uma (des) localização tanto da produção quanto da recepção dos enunciados.

As postagens se enunciam, assim, no interior de uma espécie de convivência mais ou menos forte, de um fluxo contínuo de manifestações de sociabilidade, em que cada um pode “se expressar” pontualmente, sem necessidade de articular os signos que envia a uma totalidade textual, concebida em função de um destinatário situado em outro espaço. (MAINGUENEAU, 2015, p. 172).

Assim, as postagens rompem com a lógica da textualidade e da alternância da fala, conforme o diálogo face a face pressupõe. Diferente da conversação, a postagem não é endereçada a uma determinada pessoa, mais sim a um conjunto de seguidores. Segundo

Maingueneau (2015), somos cada vez mais leitores ou ouvintes de mensagens das quais não somos destinatários. Eis a complexa situação enunciativa que está relacionada ao nosso *corpus* de análise.

É preciso também considerar os processos de identificação proporcionados por essas tecnologias, pois diversas identidades estão em jogo no *Facebook*. Os usuários criam suas identidades nos perfis através das suas postagens, dizendo características de si e se autoafirmando na busca de legitimação. “Os atos performativos são, portanto, essenciais, já que é absolutamente necessário que tudo seja legitimado.” (PACHECO, 2014, p. 15). Nesse jogo, as identidades são uma forma de se associar ao mundo, almeja-se atingir aquelas que são valorizadas socialmente para que o sujeito também se sinta valorizado ao fazer parte de determinada identificação.

As redes sociais não são pioneiras no anonimato, que inclusive é institucionalizado nas ouvidorias, nos *Disks Denúncias*. No caso do *Disk Denúncia*, entende-se que há uma necessidade do anonimato, pois a denúncia pode apresentar riscos para quem denuncia, tornando essencial essa proteção. Entretanto, é interessante observar que o sujeito anônimo na rede social assume outra dimensão, pois não se trata apenas de denunciar, mas de amplificar seu discurso para o mundo. Qualquer pessoa pode ter acesso ao que está dito no *Facebook*. Pacheco (2014) instiga reflexões sobre a pergunta que é feita na página inicial da rede: o que você está pensando?

Uma palavra escrita no Facebook não é mais um pensamento, é um grito para o mundo, com todos os seus ambientes, entretanto a pergunta que nos é feita não é esta: o que você gritaria para que todos, sem exceção, escutassem? (p. 29).

Conforme aponta Dias (2016), a produção do discurso no *Facebook* está submetida a tais condições que possibilitam sua significação através do modo como se constituem, se

formulam e circulam. Portanto, esse processo é indissociável do meio em que acontece, pois é sempre atravessado pela materialidade digital. No caso do *Facebook*, o meio propicia diferentes níveis de anonimato, desde aquele em que há uma pessoa que assume o dito, mas que se sente protegido pelo meio que proporciona um distanciamento de sua realidade imediata, por exemplo, em diversos grupos de redes sociais nos quais os sujeitos interagem, mas ninguém os conhece pessoalmente, o que traz certo grau de anonimato, passando pelos anonimatos em aplicativos e redes, em que se assume um *avatar* por meio de um pseudônimo, mas pode implicar, em algum momento, que o sujeito empírico venha a ser conhecido, como em *sites* para amizades, relacionamentos e encontros. Por fim, há o anonimato mais extremo, que é aquele em que o sujeito não será reconhecido de nenhuma forma, como é o caso dos perfis *fakes* e de espaços proporcionados por páginas como *Segredos UFLA*, que publica relatos anônimos.

Há de se reforçar que as ouvidorias e *Disk Denúncias* implicam um sujeito anônimo de dimensão diferente do que estamos falando aqui. O anônimo do tipo *Segredos UFLA* não tem qualquer limitador para sua individualidade, nem para alteridade, não há fronteiras. É diferente de um coletivo de mulheres que denunciam de forma anônima, dos clientes de dado produto consumido, dos assediados, entre outros. Estes, por sua vez, têm, na sua constituição enquanto sujeitos, modos de dizer e temas em função de um propósito específico, que impõe um modo de engajamento com o que se diz. Já no caso dessa *fan page*, esses sujeitos se constituem de maneira difusa no anonimato.

3.2 A confissão e o discurso de verdade

Para analisar as diversas possibilidades discursivas presentes na página *Segredos UFLA*, optamos por procurar o que há de comum em todas as postagens, características que pudessem mais aproximá-las do que as distinguir. Para tanto, nos atentamos para o fato

de que as postagens dessa página são sempre encabeçadas por “Confesso que”, sendo uma exigência dos próprios organizadores da *fan page*. Consideramos que não é um acaso a escolha da confissão como introdução das publicações, remetendo ao próprio nome da página, *Segredos UFLA*, afinal, segredos precisam ser confessados e só se confessa aquilo que é escondido, secreto para a revelação. Portanto, trabalhamos com a hipótese de que seja instaurada uma cenografia de confissão nas publicações da página, diluída também em outras cenografias, a depender do objetivo da publicação. Para melhor compreender as implicações da confissão, recorreremos aos estudos de Foucault (1998).

Segundo Foucault (1998), a prática da confissão ganha força especialmente após a Contrarreforma, movimento no qual a Igreja Católica reagiu à Reforma Protestante para não perder fiéis. A confissão torna-se um mecanismo de produção de verdade: as pessoas tinham que falar sobre si, confessar e detalhar seus desejos e tudo o que era considerado pecado. Por meio da confissão, o sujeito é levado a se colocar em um autoexame de si e de suas próprias atitudes, sem omitir nada.

Em uma perspectiva histórica, podemos pensar quais consequências essa imposição acarretou ao longo do tempo. Se antes era preciso impor a confissão para constituir a verdade, nos dias atuais ela perpassa as mais diversas práticas. Esse modo de dizer confessional acaba sendo a base que constitui o modo de dizer de diversas situações do nosso dia a dia, como o consultório médico, o escritório do advogado, o divã do psicanalista, as conversas entre amigos e familiares etc. (FOUCAULT, 1998).

Confidenciar e dizer sobre si adquiriu um caráter ilusório de liberdade, ao passo que não poder dizer de si é considerado opressão e silenciamento. Vivemos em uma sociedade altamente confessional que produz discursos sobre si o tempo todo. Nessa lógica, é um dever dizer de si, e as redes sociais aparecem como espaços altamente confessionais onde o sujeito legitima suas verdades íntimas.

Soma-se ainda a relação de prazer e poder na confissão

(...) prazer em exercer um poder que questiona, fiscaliza, espreita, espia, investiga, apalpa, revela; e por outro lado, prazer que se abrasa por ter que escapar a esse poder, fugir-lhe, enganá-lo ou transvesti-lo.” (FOUCAULT, 1998, p. 53).

Portanto, há um prazer em estabelecer o poder e em subvertê-lo, o prazer em colocar o sexo em discurso através das confissões, verbalizando o que não pode ser dito. Da mesma forma, parece existir uma relação de poder e prazer também na página *Segredos UFLA*, um prazer em verbalizar aquilo que não caberia em outro espaço e fora do anonimato, e o prazer e o poder dos leitores da página de tomarem conhecimentos desses segredos.

4 ANÁLISE DO CORPUS

Como já mencionado, o *corpus* da pesquisa é constituído de publicações da página *Segredos UFLA* do *Facebook*. A *fan page*, que foi criada em 2013 e se autocategoriza como entretenimento, contabiliza, até o momento em que esta pesquisa foi finalizada, outubro de 2018, mais de 27 mil curtidas, ou seja, seguidores. Não há identificação dos administradores da página, porém é relevante considerar que esse grupo seleciona as mensagens que serão publicadas, bem como as que não serão publicadas por critérios não especificados. A descrição disponibilizada no próprio *site* é a seguinte: “Afim de confessar algo TOTALMENTE ANÔNIMO? Contar segredos, desabafos, que fizestes pela nossa UFLA. aqui é seu lugar. Mande INBOX! *Não gostou de algo, manda INBOX que retiramos.”⁴

⁴ Informações da seção “Sobre” da página *Segredos UFLA*. Disponível em: https://www.facebook.com/pg/SegredosUfla/about/?ref=page_internal. Acesso em: 20 set. 2019.



Figura 1 - Informações da seção “Sobre” da página *Segredos UFLA*.

A nossa pesquisa levou em consideração 60 recortes possíveis, coletados do dia 01 de novembro de 2017 até o dia 01 de setembro de 2018. Para o presente artigo, foi feito um recorte de três postagens que representam discursos exemplares que acontecem na página. Dessa forma, apresentamos um recorte desta pesquisa, devido a questões que o formato do próprio artigo nos impõe.

Conforme já explicitado, a *fan page* faz uso do formato *spotted*, que foi criado para encontrar interesses amorosos, funcionando como um cupido *on-line*. Porém, na página *Segredos UFLA*, há ocorrência de diferentes tipos de postagens. Para melhor organizar o *corpus*, foi feita uma categorização das postagens em grandes grupos que abrangessem as principais características das publicações selecionadas. Para o presente trabalho, destacamos três dessas categorias.

A postagem abaixo faz parte da categoria de publicações com um caráter informativo. A página, nesse caso, parece assumir uma cena genérica que remete a um quadro de avisos, sendo um espaço para divulgar eventos, procurar recomendações e serviços. Portanto, está classificada como Publicação de Cunho Informativo.



Figura 2 - *Print* da página do Facebook *Segredos UFLA* – Categoria de Publicação de Cunho Informativo

Na Figura 2, o enunciador busca informação sobre a frequência de mulheres em uma festa universitária. Porém, chamamos a atenção para a cenografia de confissão que emerge nestas postagens. Ao confessar um gosto, um desejo, o sujeito revela que gostaria de ir à festa se houver mulher. É possível perceber a presença do sexismo, vista a objetificação das mulheres como atração da festa. O sexismo aqui é entendido como uma expressão de preconceito “que compreende avaliações negativas e atos discriminatórios dirigidos à mulher em função da sua condição de gênero.” (FERREIRA, 2004, p. 120).

Ao utilizar o verbo “dar” no enunciado, cria-se um efeito de sentido de que a festa pode oferecer as mulheres como se elas fossem parte do entretenimento. O contexto universitário traz consigo muitas discussões e debates políticos, em especial pela emancipação da mulher. Logo, o anonimato e a confissão protegem esse sujeito das possíveis críticas que receberia, além de permitir que a pergunta seja enunciada de maneira sexista.

Apesar da natureza do discurso informativo, a cenografia da confissão permite que o enunciador faça uma pergunta de forma sexista que não seria aceita em público ou fora da confissão. Nesse caso, ele se sente à vontade para dizer que seu real interesse, ao ir à recepção, é encontrar mulheres. Tal desejo, que pode sofrer represálias no mundo ético, é permitido e validado no mundo virtual por se encontrar em um quase não-lugar do dizer. Portanto, seu desejo mais individual pode ser confessado como único interesse em

participar do evento. Dessa forma, o sujeito se confessa sexista e machista, através de uma publicação de cunho informativo.

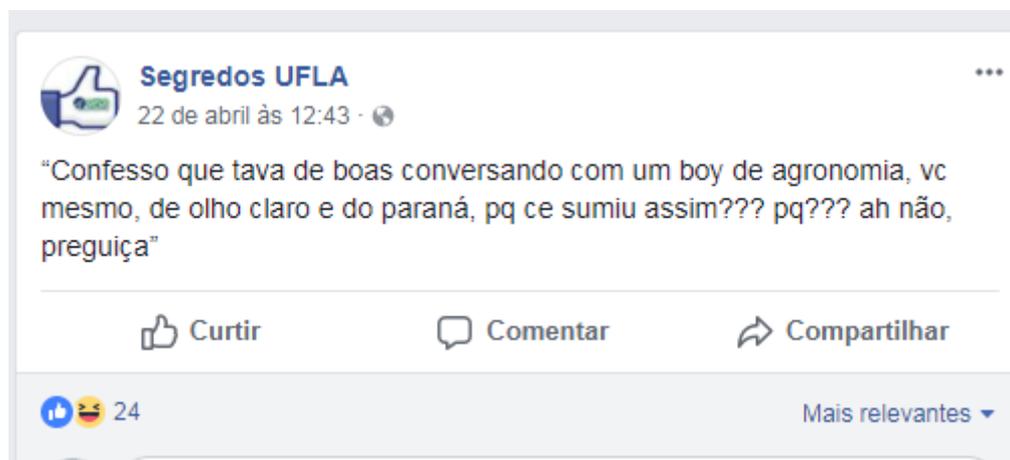


Figura 3- Print da Página do Facebook *Segredos UFLA* - Categoria de Publica es sobre si

A Figura 3 faz parte da categoria de Publica es sobre si. Nestas postagens, o sujeito do extremo individual emerge na confissão. O enunciador diz respeito a um problema exclusivamente seu, que não tem abrangência e relevância coletiva ou social. O anonimato possibilita que se deem detalhes que em outras situa es seriam ocultados, afinal o sujeito está protegido e não se compromete com o que diz. Por isso,   aceitável detalhar de quem se fala. Apesar de se tratar de uma confissão sobre o individual, ela acontece em um meio público e será lida pelos seguidores da página. Assim sendo, espera-se que os coenunciadores possam reafirmar a indigna o do enunciador perante esta situa o. Mesmo sendo feita a pergunta “pq ce sumiu assim???”, percebe-se que o objetivo não   obter uma resposta, mas sim colocar em discurso uma verdade sobre si.

No enunciado “Confesso que tava de boas conversando com um boy da agronomia[...]” não   possível identificar qual o gênero do confessor. Sendo assim, há a possibilidade de se tratar de uma mulher ou de um rapaz *gay*. No primeiro caso, está em jogo a representa o da mulher que, de forma estereotipada, não quer ser vista como

aquela que vai atrás do homem, que decide, e que o enquadra a partir do seu interesse, visto que a mulher historicamente ocupa um espaço de submissão em relação ao homem. Para Lippman (2008), estereótipo é uma estrutura cognitiva que usamos para interpretar a realidade. “Há uma imagem do mundo mais ou menos ordenada e consistente da qual nossos hábitos, nossos gostos, nossas capacidades, nossos confortos e nossas esperanças se juntaram.” (p. 96). Essa imagem não é completa, mas representa um mundo possível, vivível, um mundo conhecido e ordenado, onde cada coisa tem seu lugar.

Ainda há a possibilidade de se tratar de um rapaz *gay* que se preserva ao assumir o desejo por outro homem, visto o lugar marginalizado que as relações homoafetivas ocupam em nossa sociedade. Portanto, para não se comprometer, esse enunciado é trazido por meio da cenografia de confissão, que o valida como tal.

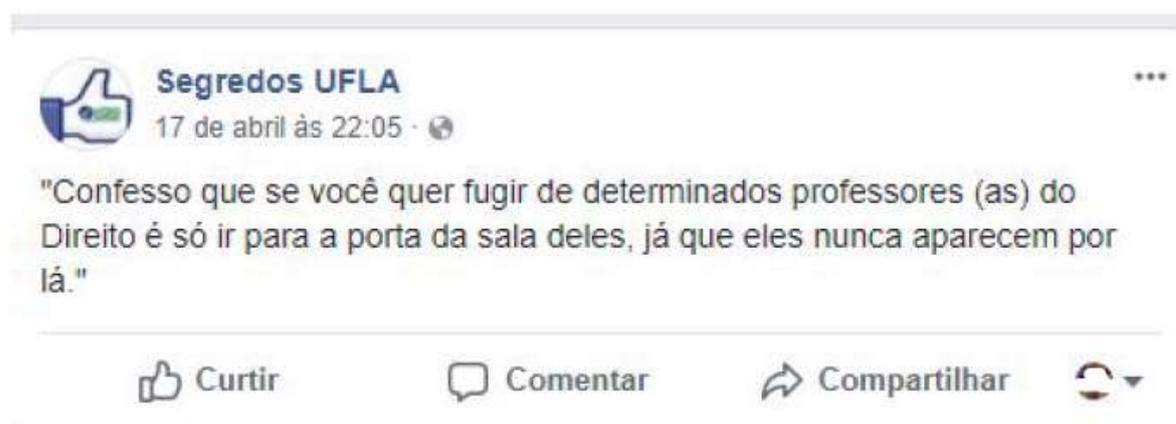


Figura 4- Print da Página *Segredos UFLA* - Categoria de Publicações de Crítica à Comunidade Acadêmica

A Figura 4 está na categoria de críticas à comunidade acadêmica. Tais publicações denunciam atitudes e comportamentos referentes aos papéis de professores e estudantes. A partir disso, emerge um sujeito autoritário, que espera que todas as suas necessidades sejam atendidas. As críticas não ditas atormentam a alma, mas podem ser reveladas no espaço da confissão. E devem ser feitas assim, pois, na maioria das vezes, tais críticas

dizem respeito a um incômodo pessoal e não um incômodo coletivo, que seria dito em um espaço coletivo.

O sujeito é movido por uma revolta da individualidade, pois não apresenta um enunciador coletivo, mas individualizado e não atendido no seu desejo de encontrar os professores no espaço em que espera vê-los. A cenografia de confissão e o anonimato permitem que ele enuncie uma crítica de maneira irônica, beirando o efeito de humor. Uma crítica dita dessa maneira não seria aceita em uma ouvidoria, por exemplo. Esse dito revela uma verdade do enunciador que o poderia constranger em público, assim como constrangeria aquele sobre quem fala. Ainda assim, o enunciador espera o reconhecimento de sua verdade revelada dando-lhe validade através da confissão.

5 DISCUSSÃO

Primeiramente, para que uma cenografia possa se manifestar completamente, é necessário haver uma distância entre os parceiros da enunciação, pois é preciso que o desenvolvimento da enunciação seja controlado (MAINGUENEAU, 2008). Logo, os gêneros escritos são privilegiados nesse sentido, já que possibilitam esse afastamento espaço-temporal entre quem produz o enunciado e quem vai ler. Portanto, as publicações de *Facebook* permitem a manifestação destas cenas, mas sabemos que o uso de determinada cenografia não acontece de maneira aleatória. É impossível pensá-la de forma desarticulada com o conteúdo do que é dito.

A hipótese é que as postagens da página *Segredos UFLA* se utilizem de uma cena de confissão para instituir seu discurso, por ter publicações introduzidas por “Confesso que”. É a própria cenografia que faz emergir o sujeito anônimo, é ela que determina a situação de enunciação. Os leitores são interpelados em usuários do *Facebook* pela cena

englobante, leitores ou seguidores da página *Segredos UFLA* pela cena genérica e, enquanto confidentes ou ouvintes de uma confissão, pela cenografia. As implicações da confissão, de forma genealógica do discurso, também precisam ser consideradas. Nossa sociedade carrega marcas da confissão instituída pela Igreja Católica, especialmente a partir do século XV, como mecanismo de produção de verdade e busca de si, da revelação do mistério ou do autoconhecimento (FOUCAULT, 1998). Dessa maneira, as mais diversas esferas sociais carregam traços da confissão, da necessidade de falar e atestar uma verdade sobre si. A confissão é mais do que o que está dito, é tudo aquilo que o sujeito atesta sobre si ao produzir esses discursos. Nesse sentido, a cenografia faz emergir um sujeito em sua extrema individualidade.

A cenografia de confissão acarreta a construção de sentidos das postagens. Quem autentica a verdade das confissões é o outro, é quem lê e atribui sentido para aquilo, e produz, dessa forma, o discurso de verdade. Isso implica uma relação de poder instituída por essa cena e também em uma relação de prazer. O prazer de saber, de dizer de si e de ouvir. O conteúdo do que é dito precisa validar a cenografia, portanto o conteúdo das postagens, reclamações, críticas, desabafos, entre outros, legitima a cena de confissão e a própria instância na qual é produzida, a página *Segredos UFLA*.

Como no discurso da Figura 2, a genealogia de confissão perpassa o pedido de informação, o que fica evidente na maneira de enunciar a pergunta. Portanto, a cenografia define os enunciadores e os coenunciadores, e institui uma situação que a torne necessária. A situação da enunciação é suscitada pela própria cenografia das publicações instituída pela página, pela necessidade de dizer de si e de revelar segredos, desabafos. O confessor é quem atesta alguma verdade sobre si nesse espaço velado pela confissão.

A cenografia de confissão valida o conteúdo das postagens, por se tratar de assuntos delicados que justificam o uso do anonimato. Os sujeitos têm a possibilidade de

dar vazão a todas as identidades que estão reprimidas no âmbito social. O foco, nesse sentido, é, sobretudo, dizer. Ou seja, a possibilidade de colocar em discurso tudo aquilo que não encontra espaço para acontecer no mundo externo às redes sociais, mesmo que não se possa fazer muito a respeito daquilo. Como no discurso da Figura 3, o sujeito não necessariamente obterá uma resposta do garoto que “sumiu”. Porém, parece existir um prazer ao se dizer e em saber que será lido, tendo em mente que o confessor pode voltar à *fan page* para acompanhar as interações nos comentários, causadas por seu segredo, porém sem se identificar. Mesmo sem atribuir a si aqueles discursos, sua confissão pode gerar outros discursos, que legitimam como verdade ou não, determinada confissão.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o surgimento dos meios discursivos virtuais, percebe-se uma mudança na discursividade do mundo. As redes sociais prescindem do diálogo face a face, possibilitando uma interação instantânea entre enunciadore e coenunciadore. Porém, na Internet, a distância entre esse dois elementore produz diversore efeito e possibilidades de posiçõe, permitindo a manifestaçõe de cenografias difusore variadore. O discurso produzido nesse contexto apaga a personalidade que reivindicore aquele discurso, sendo um sujeito que não se engajore pelo que diz.

Sendo o anonimato institucionalizado por ouvidorias ou *disks denúnciase*, que na maioria das vezes não são divulgadore a grande públicore, é preciso entender como ele é legitimado em um espaço públicore que não apresentore riscoe ao enunciadore. Portanto, o sujeito anônimo é validadore no âmbito de uma rede social através da cenografia de confissõe. O confessor é legitimadore para dizer tudo o que pensa e que sente, para expressore suas culpare e desejoe mais ocultoe. Logo, a página *Segredos UFLA* torna-se um espaço

protegido pela confissão e pelo anonimato, para colocar em discurso tudo aquilo que é de alguma forma, reprimido em outros contextos e espaços.

A confissão, enquanto forma de genealogia do discurso, está impregnada em nossa sociedade e perpassa as diversas esferas sociais. Nesse sentido, dizer de si é libertador, poderoso e prazeroso para o confessor. Por isso, mesmo que o sujeito esteja no anonimato, é de extrema relevância confessar-se, ser ouvido e julgado pelo outro. Busca-se a realização de um desejo individual de ser validado, muito mais do que soluções para os possíveis problemas. A suposta solução dos problemas que são ditos na página é o próprio ato de enunciar tais problemas. Todas as implicações expostas acarretam traços que determinam o sujeito discursivo. O sujeito das redes sociais se encontra em um quase não lugar e é isento de responsabilidade pelo que diz. Nesse sentido, emerge um sujeito centrado no seu extremo individual, que produz enunciados sem uma direta relevância coletiva. Pensando em perspectivas futuras, pode-se ainda explorar as relações discursivas estabelecidas pelos coenunciadores nos comentários, ressaltando que estes são logados em sua conta no perfil do *Facebook*. As possibilidades de trabalho não se esgotam.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, H. H. N. **Introdução à análise do discurso**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1999.

CANO, M. R. O. **A manifestação dos estados de violência no discurso jornalístico**. 2012. Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2012.

DIAS, C. A análise do discurso digital: um campo de questões. **Caderno de Estudos do Discurso e do Corpo**, v. 10, p. 8-20, 2016.

FERREIRA, M. C. Sexismo hostil e benevolente: inter-relações e diferenças de gênero. **Temas psicol.**, Ribeirão Preto, v. 12, n. 2, p. 119-126, 2004. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2004000200004&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 08 abr. 2020.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade**. A vontade de saber. Tradução de Maria Thereza da Costa Alburquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1998. v.1.

FUCHS, C.; PÉUCHEUX, M. A propósito da Análise Automática do Discurso. *In*: GADET, F.; HAK, T. (org.). **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Tradução de Mariani Bethania. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997. p. 163-252.

LIPPMAN, W. **Opinião Pública**. Tradução de Jacques A. Wainberg. Petrópolis: Vozes, 2008.

MAINGUENEAU, D. A Cena de Enunciação. *In*: MAINGUENEAU, D. **Análise de textos de comunicação**. Tradução de Cecília Pérez de Souza-e-Silva. São Paulo: Cortez, 2013. p. 104-114.

MAINGUENEAU, D. **Discurso e Análise do Discurso**. Tradução de Sírio Possenti. São Paulo: Parábola, 2015.

MAINGUENEAU, D. **Cenas da enunciação**. Organizado por Sírio Possenti e Maria Cecília Pérez de Souza-e-Silva. São Paulo: Parábola, 2008.

PACHECO, M. A.C. **A redenção do anonimato na rede do Facebook**: uma análise do discurso. Trabalho de Conclusão do Curso (Bacharelado em Letras Português) 2013. Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

ORLANDI, E. **Análise do Discurso**: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes Editores, 2015.